

Cidade baixa

Downtown¹

Autora: Fumiko Hayashi

Tradutor: Renan Kenji Sales Hayashi²

Resumo: o presente texto apresenta uma proposta de tradução de um conto da escritora japonesa Fumiko Hayashi (1903-1951). Trata-se da obra intitulada “Shitamachi”, escrita e publicada em 1948. Embora seja uma produção de ampla circulação literária, tendo obtido traduções para o inglês e o espanhol, por exemplo, o conto ainda permanece inédito para leitores de língua portuguesa do Brasil, razão pela qual este trabalho propõe um gesto de tradução. Espera-se com esta proposta oportunizar um maior conhecimento da obra da autora, a partir deste conto ora traduzido, bem como a popularização da literatura japonesa em prosa, que, em nossa leitura, ainda permanece reclusa a contextos formais e acadêmicos.

Palavras-chave: Literatura Japonesa; Fumiko Hayashi; Tradução.

Abstract: the present paper presents a proposal of translation of a short story of the Japanese writer Fumiko Hayashi (1903-1951). It is the work entitled "Shitamachi", written and published in 1948. Although it is a writing of wide literary circulation, with translation versions into English and Spanish, for instance, the tale still remains unpublished for Brazilian Portuguese-speaking readers, which is the reason this work proposes a translation version. It is aimed that this proposal will provide some understanding of the author's work, based on this tale translated, as well as the popularization of Japanese literature in prose, which, in our point of view, still remains closed in formal and academic settings.

Keywords: Japanese Literature; Fumiko Hayashi; Translation.

1 Apresentação

“Literatura feminina”? “Literatura japonesa feminina”? Possivelmente essas designações não sejam adequadas à obra de Fumiko Hayashi (1903-1951). Aliás, não somente a de Hayashi, mas de todas as demais escritoras. Essas classificações poderiam ser repensadas para noções como

¹ No original em língua japonesa, o título dado pela autora foi 下町 (Shitamachi), literalmente, cidade baixa. Em língua inglesa, o tradutor Ivan Morris (1967) optou pelo uso da palavra “downtown”, sem o mesmo efeito de sentido conferido no texto base. Dessa forma, optamos por traduzir como “Cidade Baixa”, pois, no conto, ocorre uma distinção de natureza econômica evidenciada pela posição geográfica das cidades. Parte alta, mais abastada. Parte baixa, industrial e mais pobre.

² Doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas – Brasil. E-mail: renan.sales@esamc.br

literatura de autoria feminina ou mesmo, *literatura escrita por mulheres*. Pode não parecer grande a diferença, mas quando estamos no plano das representações, isso importa de maneira bastante significativa. Em primeiro lugar, por não haver seu oposto, em teoria, complementar: literatura masculina. Além disso, os efeitos de sentido possibilitados por uma construção do tipo “literatura feminina” dão sustentação a gestos de interpretação que associam os escritos destas autoras com, por exemplo, questões de amores romantizados, narrações repletas de investimentos afetivos desarrazoados e conflitos subjetivos tidos como secundários.

Não raros vemos esse tipo de articulação que tende a inferiorizar a produção das autoras, como se o tratamento literário dado por elas fosse de menor valor em relação àquele conferido por escritores homens. Em segundo lugar, o termo “literatura feminina” pode oportunizar efeitos que restrinjam a produção delas às questões somente do universo feminino, este, frequentemente tratado, como um mundo à parte. Dessa forma, as produções de autoria feminina ficariam reclusas ao consumo somente por parte das mulheres.

Nenhum dos pontos levantados até agora é encontrado na obra de Hayashi. Ao contrário, sua preocupação com questões sociais, culturais e econômicas do Japão do século XX ditam a tônica da maioria de suas obras. Filha de pais pobres, Hayashi desde jovem teve de trabalhar nos mais diversos ofícios para prover sustento. Ainda que tivesse plasticidade para transitar por diferentes trabalhos – de vendedora à enfermeira, entre tantos outros – a pobreza era um fantasma que não cessava incidir e insistir. Biógrafos apontam flertes dela com a ideia de prostituição, o que jamais foi confirmado. Além disso, o espectro do suicídio não lhe parecia estranho, muito embora sua *causa mortis* tenha sido outra.

Nesse sentido, vemos uma vida atravessada pela dureza de viver e conviver com a miséria de uma existência privada e, por isso mesmo, angustiante. Os escritos de Hayashi são embebidos desse tom que além de contar de si, refletido nas personagens, reconta vidas que são vividas aos pedaços, como se a dignidade mínima fosse o patamar inalcançável. Hayashi começou a escrever em jornais e revistas de grande tiragem, obtendo reconhecimento nacional ainda em vida. A coragem da franqueza lhe conferiu popularidade, pois narrava privações vividas e sentidas como quem narra a paisagem vista por uma janela onde se viveu por anos e anos. Suas obras mais famosas – *Horoki* (‘Diário de um vagabundo’, 1930), *Seihin no sho* (‘Memórias da pobreza honrosa’(?), 1933), *Shitamachi* (‘Cidade baixa’, 1948) – são provas disso.

Shitamachi (1948), ora traduzido, busca dar uma mostra de como a natureza da escrita de Hayashi é audaz e única, sincera e cortante. Ryo é pobre e viúva de marido vivo, o qual luta na

Sibéria. A relação da protagonista com os homens evidencia uma necessidade de (re)contar histórias do ponto de vista da mulher. A ânsia por paisagens diferentes da personagem Ryo denota a necessidade da própria Hayashi em se imaginar em outros mundos. E ela conseguiu, ao menos em sua literatura, que alcançou contextos nunca imaginados. A seguir, apresentamos o conto traduzido, tendo as versões em espanhol e inglês como auxílio, mas a versão em japonês como base.

2 Tradução

Como o vento estava frio, Ryo andou escolhendo o lado onde o sol batia. Caminhava com os olhos nas pequenas casas, de ser possível aquilo. Por ser por volta do meio-dia, Ryo estava procurando uma casa onde fora convidada a tomar uma xícara de chá. Junto aos beirais, ao contornar uma parede de madeira que parecia pertencer a uma obra em construção, espiou a parte inferior de uma pilha de ferro oxidados e havia ali um galpão com uma porta de vidro permitia ver a crepitar de uma fogueira. Um homem, que estava de bicicleta, pôs os pés no chão e perguntou: "Onde fica o escritório da delegação Katsushika? Ryo não sabia e disse: "Eu também estou passando ...". Antes que o homem da bicicleta fosse para o galpão, perguntou novamente a mesma coisa levantando a voz. Abrindo a porta de vidro, apareceu outro homem que parecia um trabalhador com uma toalha ao redor da testa: "Saindo pela rua Yotsugi, vá pela nova avenida até a estação, encontrará lá", respondeu.

O homem com a toalha parecia de bom caráter, então Ryo, deixando a bicicleta passar, aproximou-se timidamente e perguntou em voz baixa: "Não precisaria de chá de Shizuoka?³". Na sala escura de piso de terra, havia um braseiro que queimava madeira e uma grade de ferro com uma panela grande por cima.

- Chá?

- Sim, é o chá de Shizuoka. Sorrindo, Ryo rapidamente colocou sua bolsa no chão.

Sem dizer uma palavra, o homem com a toalha foi para um banquinho que havia na sala.

Ryo queria que, mesmo que fosse apenas por um momento, ele a deixasse se aproximar do fogo que ardia intensamente e disse timidamente: "Eu andei muito tempo e está muito frio. Não me deixaria ficar um pouco? – "Claro! Feche a porta e se aproxime do fogo". O homem tinha o

³ No original em japonês: 静岡のお茶はいりませんか. Embora seja uma estrutura sem proposição clara de venda, optou-se por traduzir como uma oferta, visto que, no desenrolar do conto, fica claro que Ryo era vendedora de chá. Nesse sentido, concordamos com a forma apresentada por Montes (1976): ¿No necesita té de Shizuoka? (N. do T.).

pequeno banco entre as pernas, mas retirou-o e aproximou-se dela, sentando-se em uma caixa vacilante.

Ryo colocou a bolsa em um canto do galpão e, respeitosamente, sentou-se agachada, aquecendo as mãos junto ao fogo.

– Sente-se no tamborete – disse o homem, fazendo um sinal com o queixo e olhando para Ryo, que estava do outro lado das chamas, com o rosto rosado.

Ryo parecia não se importar com suas roupas, mas ela era surpreendentemente atraente e de feições muito brancas.

– É o que a Sra. faz? Vender chá de porta em porta – o homem perguntou.

A água fervente da panela assobiou amigavelmente.

O telhado estava negro de fumaça e havia, ofensivamente, um grande altar familiar com um ramo verde de *sakaki*⁴ como oferenda. Sob a janela, pendia um quadro negro e, contra a parede, um par de botas altas de borracha cheias de buracos.

– Disseram-me que este era um bom bairro e eu vim de manhã cedo. Eu vendi apenas um pacote e pensei em voltar, mas queria almoçar em algum lugar e estava procurando.

– Aqui você pode comer, se quiser ... O negócio é uma questão de sorte. Se em outro momento, a Srta. for a um lugar mais habitado, possivelmente sem querer, conseguirá muitas vendas. O homem tirou um embrulho de papel de jornal amarelado que estava em uma prateleira que parecia uma estante de livros torcida e, desembulhando-o, tirou uma fatia de salmão. Ele retirou a panela da grelha e, em seu lugar, colocou o filé, que começou a soltar um cheiro apetitoso.

– Bem, o que acha de se sentar no banco e desfrutar do seu almoço?

Ryo se levantou, tirou de sua bolsa o *bentô*⁵ envolto em um *furoshiki*⁶ e sentou-se novamente.

– Vender algo não é divertido, certo? Quanto custa cem *monme*⁷ - o homem virou o peixe com a mão.

⁴ Em japonês, 榊 (*sakaki*), planta perene sagrada para o Xintoísmo, usada em templos e altares (N. do T.).

⁵ Em japonês, 弁当 (*bentou*), um tipo de marmitta que dispõe comida japonesa em uma caixa laqueada dividida em compartimentos (N. do T.).

⁶ Em japonês, 風呂敷 (*furoshiki*) um tipo de tecido com estampa que tradicional japonesa que tem por função transportar pequenos itens como comida, algumas roupas, presentes, etc. (N. do T.).

⁷ Em japonês, 匁 (*monme*) era uma unidade de medida tradicional da China. Equivale a 3.78 gramas (N. do T.).

– Entre cento e vinte e cento e trinta ienes, mas há muito desperdício e, se eu vender caro, ninguém me compra.

– Você tem razão. Em casas onde há velhos, talvez comprem, mas é difícil onde há jovens.

Ryo abriu seu embrulho com comida. Sobre um cozido negro de arroz com cevada, havia duas sardinhas assadas e alguns picles em pasta de soja.

– Onde vive? – o homem perguntou.

– Em Inarichó, Shitaya. Acabei de chegar em Tóquio e ainda não consigo distinguir o leste do oeste.

– Você está alugando um quarto?

– Não, eu moro na casa de um amigo.

De um saco de lã suja, o homem pegou uma caixa de alumínio e levantou a tampa. Estava cheio de arroz com batatas esmagadas quase um purê. Ele colocou o salmão assado na tampa da caixa com a mão e colocou a panela de volta no braseiro, jogando pequenas lascas para avivar o fogo.

Ryo depositou os restos de comida no tamburete, tirou da bolsa um saquinho de chá que vendia e perguntou enquanto despejava um pouco sobre um lenço de papel:

– Não se importa se eu jogar na panela? O homem negou com um aceno de cabeça, entre grato e envergonhado, e disse rindo: – Não é bom, é muito caro - os dentes, grandes e brancos, davam a ele uma aparência jovem.

Ryo levantou a tampa da panela e jogou o chá na água quente que, logo em seguida, tremia enquanto fervia.

O homem pegou uma xícara e uma taça suja da prateleira e colocou-as sobre um caixote novo que estava contra a parede.

– E o seu marido, o que faz? – o homem perguntou, enquanto dividia o salmão com os dedos e colocava metade no arroz de Ryo.

Perplexa, ela recebeu o peixe com gratidão.

– Meu marido está na Sibéria, e como ele ainda não voltou, tenho que trabalhar assim para poder comer.

O homem levantou o rosto com uma expressão de surpresa.

– É? Em que parte da Sibéria?

Estavam em Baikal e, desde as últimas notícias recebidas, o outono e o inverno haviam passado. Ryo já estava acostumada com a depressão e a tristeza que sentia toda vez que abria os olhos pela manhã. A distância era grande demais e não havia outros sentimentos pelo marido, mas até mesmo a falta de sentimentos se tornara um hábito.

Uma música que falava de "a colina estrangeira"⁸ estava na moda, e quando Ryûkichi a cantava, a desolação a envolvia.

Pensava que ela era a única, dentre todos os que a rodeavam, que tinha lembranças da guerra. Mas eram memórias que morriam à distância e que estavam envoltas em nevoeiro, tingidos pelo novo sentimento de paz. "Não existe essa tal coisa chamada Deus"⁹ tornou-se sua frase favorita. Esperando ansiosamente durante o verão, enquanto o calor desaparecia pouco a pouco, a chegada do inverno lhe deixava uma solidão culposa. A paciência do ser humano tem um limite e Ryo estava com raiva. O rosto de Ryûji, seu marido, que já havia passado seis vezes o inverno na Sibéria, afundara na memória para se tornar um fantasma.

Foram seis anos. Desde que Ryûji partiu para a frente de batalha, nenhuma só vez lhe havia ocorrido um pensamento que a fizesse feliz. Os meses passaram rapidamente para um lado de sua vida sem despertar seu interesse. Agora ninguém falava da guerra. Ocasionalmente, quando ela dizia a alguém que seu marido estava na Sibéria, recebia a simpatia despreocupada de quem sai em missão e não retorna. Ryo não sabe que tipo de lugar a Sibéria é, só pode imaginá-lo como um vasto deserto de neve.

– Dizem que ele está perto de Baikal, mas que ainda não pode voltar.

– Eu também fui repatriado da Sibéria. Eles me fizeram cortar lenha por dois anos perto do rio Amur. Tudo é uma questão de sorte. Para o seu marido, deve ser terrível, mas também para a Sra., que está esperando por ele. O homem tirou a toalha da cabeça e com ela secou a xícara e a taça. Então, serviu o chá fervente.

– É verdade? O Sr. também foi desmobilizado? No entanto, o Sr. é forte e pode retornar.

⁸ Em japonês, 異国の丘 (ikokunooka), literalmente, colina de um país estrangeiro. Aqui houve supressão da menção ao país, depositando força semântica em “estrangeiro” tal como a tradução para o espanhol adotou (N. do T.).

⁹ Em japonês, 神様なンてあるものぢやないわ. Curioso notar que a tradução para o inglês de Morris (1967, p. 352) apagou completamente essa parte do texto presente em japonês. Inclusive um trecho maior no qual a narradora descreve o fluxo de consciência de Ryo. Optamos por incluir nesta versão para o português do Brasil (N. do T.).

– Com dificuldade, eu escapei da morte. Voltar ao Japão não foi grande coisa. Enquanto terminava o almoço, Ryo contemplou cuidadosamente o rosto do homem. Como era de se esperar, era uma pessoa sem educação, mas ela se sentia confortável com ele e podia falar livremente.

– Tem filhos? – ele perguntou.

– Sim, um menino de quase oito anos, mas eu tenho problemas com a escola. Como estou atrasada com minha mudança de residência, não pude dar início aos seus estudos e, ocupada como estou com a venda do chá, devo ir todos os dias ao escritório da delegação. Eu sempre acabo o dia morta de cansaço.

O homem pegou a xícara e começou a beber o chá quente entre os ruídos.

– É um chá delicioso!

– É? E não é o de melhor qualidade. Ele sai cerca de oitocentos ienes por libra de preço de custo. No entanto, os clientes gostam dele. Ryo, também, pegando a xícara com as duas mãos, começou a beber chá, soprando para esfriar.

Em algum momento, havia mudado a direção do vento e agora soprava fortemente do Oeste, assobiando contra o teto de zinco. Ryo não sentiu vontade de sair. Queria ficar um pouco mais perto do fogo.

– Acho que vou comprar um pouco de chá de você – disse o homem enquanto tirava trezentos ienes do bolso do uniforme de trabalho.

– Não precisa comprar nada. Vou dar-lhe uma libra e meia – Ryo respondeu enquanto se apressava para pegar duas bolsinhas de chá e colocá-las em uma gaveta.

– O que? O negócio é sempre negócio e não posso aceitá-las. De qualquer forma, quando passar por esta área, venha me visitar.

– Muito obrigada ... Você não conhece algum quarto que alugue aqui? – Ryo olhou em volta do pequeno galpão.

O homem terminou sua refeição e disse enquanto partia uma pequena lasca para usar como um palito de dentes:

– Eu vivo aqui. Estou encarregado de vigiar todo esse ferro e ajudar a carregá-lo nos caminhões de transporte. A comida é trazida para mim da casa de uma irmã que mora muito perto daqui.

Ele se levantou e abriu uma porta que ficava sob o altar da família. Ryo viu um quarto minúsculo que parecia um armário com uma cama. Contra a parede de madeira estava um cartão colorido da atriz Yamada Isuzu.

– Está tudo muito bem arrumado! Deve se sentir muito confortável – Ryo imaginou quantos anos ele teria.

A partir desse dia, tornou-se habitual para Ryo ir vender em Yotsugi e passar pelo depósito de material de ferro. Ela também soube que o nome do homem era Tsuruishi Yoshio.

Tsuruishi ficava muito feliz com as visitas e quase sempre esperava por ela com algum doce. Ao mesmo tempo, suas vendas de chá começaram a prosperar e ela conseguiu clientes na vizinhança, o que transformou suas caminhadas em um prazer.

Cinco dias depois, Ryo trouxe Ryukichi, seu filho. Tsuruishi ficou muito feliz em vê-lo e levou-o para passear. Depois de um tempo, voltaram com dois grandes bolos de caramelo tofe¹⁰ ainda quentes.

– Esse menino é um comilão – disse Tsuruishi, acariciando a cabeça do garoto e sentando-o em um banquinho.

Ryo se perguntou se seu novo amigo era casado. Não que isso importasse, mas o pensamento veio à sua cabeça por conta do amor que ele demonstrava pela filha dela. Até aquele dia, com trinta anos de idade, ela não havia pensado em nenhum outro homem além do marido, mas o temperamento despreocupado de Tsuruishi começou a operar uma mudança gradual e estranha em seus sentimentos. Sua própria aparência se tornou importante e saía para vender chá com um novo entusiasmo. Seus parentes também lhe enviavam pedaços de peixe de Shizuoka, como sardinha e cavala, que, às vezes, eram mais bem sucedidos do que o chá.

Cerca de oito dias depois, Ryo voltou a encontrar Tsuruishi, que a convidou para visitar Asakusa¹¹ em um de seus dias de folga. Ainda era muito cedo para ver as flores de cerejeira, mas se tivessem tempo, iriam dar um passeio no Parque Ueno.

¹⁰ Curiosidade: em japonês, 暫くしてまだ熱いカルメ焼きの大きいのを二つ留吉, afirma-se claramente que há dois grandes bolos de sabor caramelo tofe. Na tradução de Morris (1967, p. 356), para o inglês, essa quantidade desaparece. Morris afirma a existência de apenas um (artigo indefinido) bolo grande de caramelo. Em espanhol, Montes (1976, p. 12) traz a quantidade tal qual sugerido por Fumiko. Esse dado torna-se importante para constituir a atmosfera comilona do filho de Ryo, efeito de sentido mitigado na atmosfera da leitura em inglês (N. do T.).

¹¹ Asakusa era um bairro de textura pobre e operária. No conto de Hayashi, assume a feição da Cidade Baixa (shitamachi), por ser habitado por pessoas poucos abastadas, gueixas, trabalhadores, etc. Faz oposição no conto à Tóquio, bela e desejada cidade da diversão, do comércio e da prosperidade (N. do T.).

No dia combinado, seguindo as instruções dadas por Tsuruishi, Ryo estava esperando com o filho em frente ao escritório de informações turísticas da estação. O céu estava chumbo, embora às vezes desaparecesse e, desde que não chovesse, tudo estaria bem. Depois de esperar cerca de dez minutos, Tsuruishi apareceu em um envelhecido terno cinza que era pequeno demais para ele.

Ryo, mal usando maquiagem, usava um vestido de pano azul de quimono e uma bolsa de chá acolchoada de cor pálida. Ela parecia muito mais jovem do que o habitual e, talvez por causa de suas roupas de estilo ocidental, parecia uma colegial ao lado de Tsuruishi, alto e de ombros largos.

– Tomara que não chova – disse ele, levantando facilmente Ryukichi e caminhando pela multidão. Ryo tinha debaixo do braço um grande saco de pão, bolinhos de arroz enrolados em algas marinhas e tangerinas. Eles foram para Asakusa de metrô e, a partir da loja Matsuya, caminharam em direção ao Portal Niten, passando por uma galeria de pequenos negócios.

O distrito de Asakusa era muito diferente do que Ryo havia suposto e ficou desapontada ao pensar que este pequeno templo de laca vermelha era a sede da famosa Deusa da Misericórdia. Tsuruishi explicou que antes era um templo enorme e muito alto, mas era muito difícil para ela imaginar isso. Agora só havia uma multidão que se movia como as ondas do mar e que se espremia ao redor do santuário. Ao longe, ouvia-se o convidativo som melancólico de trompetes e saxofones. Um vento selvagem murmurava e arquejava ao atingir os galhos, cheios de brotos, das árvores enegrecidas pelo fogo da guerra.

Passando sob o arco do antigo mercado de roupas, eles chegaram às barracas de venda de comida que se amontoavam ao redor do pequeno lago artificial. A atmosfera estava saturada com o cheiro de óleo quente e vapor que exalava das grandes panelas de *oden*¹². Ryukichi caminhava chupando um palito com algodão-doce amarelo que Tsuruishi havia comprado para ele de um vendedor de rua .

Podia-se dizer que tinha sido uma reunião trivial, mas Ryo confiava em Tsuruishi como se eles estivessem juntos há dez anos. Ela se sentiu cheia de energia. Os três caminhavam preguiçosos por um beco onde cinemas e teatros se alinhavam. Os grandes edifícios estavam cheios de cartazes de estilo americano que pareciam apressá-los rugindo seus anúncios.

¹² Em japonês, 御田(oden), comida japonesa feita com vários ingredientes: ovo, batata, chikuwa, konnyaku (N. do T.).

– Bem, parece que começou a chover, afinal – disse Tsuruishi, levantando a mão. Ryo olhou para cima, recebendo o impacto de gotas grandes e pensando que o passeio estava arruinado, mas todos os três encontraram refúgio em uma pequena casa de chá que tinha na entrada uma lâmpada de vidro com a inscrição "Feliz"¹³.

Do teto pendiam umas estranhas flores artificiais que davam ao lugar uma atmosfera fria e desolada. Pediram chá preto e Ryo pôs bolinhos de pão e arroz com algas na mesa. Tsuruishi não fumou e logo eles terminaram de comer, mas agora estava chovendo forte e, ao olharem ao redor, perceberam que o lugar estava cheio de pessoas procurando abrigo.

– O que podemos fazer? Chove muito e não parece que vai parar.

– Vamos esperar um pouco. Se a chuva diminuir, vou acompanhá-los até em casa.

Ryo se perguntou se as palavras de Tsuruishi significavam que ele os levaria para onde ela morava, mas isso não fazia sentido. Eles ocupavam um lugar na casa de um conhecido de sua cidade até encontrar um quarto próprio. Para dormir, ela se deitava com seu filho no minúsculo átrio, de modo que não poderia ser chamado de sua casa. Ryo preferia ir aonde Tsuruishi vivia, mas o galpão também era pequeno e não poderiam descansar confortavelmente.

Inclinando-se para que Tsuruishi não a visse, Ryo pegou sua carteira e contou o dinheiro que trazia. Com a ajuda dele, poderiam encontrar um lugar para se abrigar da chuva, algo como um hotel.

– Não haverá nenhum hotel por aqui?

Ao ouvir isso, Tsuruishi fez um gesto de estranheza. Destemida, Ryo disse-lhe francamente o que pensara.

– Eu sinceramente não gostaria de voltar. Podemos ir ao cinema e depois procurar uma pequena pensão, comer sopa com macarrão e descansar um pouco antes de nos despedirmos. Você acha isso muito caro?

Tsuruishi gostou da ideia. Ele tirou o paletó, colocou-o na cabeça de Ryukichi e os levou correndo pela chuva até um cinema. Como esperado, todos os assentos estavam ocupados e eles tiveram que assistir ao filme em pé, mortos de cansaço. Em algum momento, a criança adormeceu apoiado em Tsuruishi. Depois de uma hora, eles deixaram o cinema e partiram para encontrar um

¹³ No original em japonês, Fumiko Hayashi usa a palavra de língua inglesa “Merry” (メリー). Na tradução para o espanhol, a palavra “Merry” é mantida em seu registro inglês. Já na tradução americana, esse trecho virou “Merry Teahouse” (MORRIS, 1967, p. 357), imprimindo um efeito de sentido não contemplado no texto de Hayashi em japonês (N. do T.).

hotel sob a chuva torrencial, que atingia o solo cantando como as folhas de uma bananeira quando é agitada pelo vento. Finalmente eles encontraram um pequeno *ryokan*¹⁴.

O proprietário levou-os a uma estreita e desagradável sala com os *tatamis* estragados, ao fundo de um corredor esburacado que rangia ao caminhar.

Ryo tirou as meias encharcadas. O menino se deixou cair em um canto e adormeceu novamente. Tsuruishi colocou uma almofada suja debaixo da cabeça. Parecia não haver drenagem, porque a água que caía do telhado fazia o barulho de uma torrente na montanha.

Tsuruishi puxou um lenço amarelado e começou a secar o cabelo de Ryo. Como era um gesto inocente, ela aceitou a gentileza que demonstrava. Embalada pelo barulho da chuva, uma sensação insignificante de felicidade entrou em seu peito. Ela se perguntou por quê ... A solidão de uma mulher trancada por um longo tempo começou a cantar como se fosse uma flauta.

– É possível comer neste lugar? – Tsuruishi perguntou.

– Eu vou ver o que consigo – Ryo saiu para o corredor e perguntou a uma garçonete vestida com roupas ocidentais que levava o chá. Havia sopa de macarrão chinês e, então, pediu dois pratos.

Enquanto tomavam chá, ficaram sentados sem falar por um tempo, em torno de um braseiro apagado. Tsuruishi esticou as pernas e se deitou ao lado do garoto. Ryo ficou olhando pela janela o céu nublado que lentamente escurecia.

– Quantos anos tens? – perguntou repentinamente Tsuruishi. Ryo olhou para o rosto dele e riu.

– Eu nunca soube calcular a idade das mulheres. Vinte e seis ou vinte e sete?

– Eu estou velha. Tenho trinta anos.

– É? Você tem um ano a mais que eu.

– Não posso acreditar! Você é muito jovem! Eu pensei que você tinha trinta anos também – disse Ryo, olhando para o rosto dele com um gesto de surpresa.

Tsuruishi olhava para as pernas, que estavam sujas. Ele tinha sobranceiras grossas e olhos de uma boa pessoa. Havia escurecido. Então, ele tirou as meias. A noite já estava chegando e a

¹⁴ Acomodações em estilo japonês; pousadas tradicionais (N. do T.).

chuva não parava. Já era tarde e as sopas chegaram geladas. Ryo balançou Ryukichi e o fez comer uma colherada. Os olhos da criança estavam fechados.

Eles decidiram passar a noite e Tsuruishi foi ao escritório do hotel, pagou a conta e voltou com a roupa de cama, que estava estranhamente dobrada. Ryo espalhou os colchões, com os quais a sala parecia encolher-se. Ele tirou a jaqueta de Ryukichi, levou-o ao banheiro e o colocou na cama.

– Eles devem pensar que somos um casamento – disse Tsuruishi.

– Penso que sim. Eu não acho que seja bom enganá-los – talvez porque estivesse olhando para o colchão, Ryo sentiu uma sensação no peito e pareceu estar ofendendo a memória de seu marido. Ela queria pensar que, por causa da chuva, não havia escolha a não ser passar a noite lá, mas no fundo de seu coração o raciocínio não a convenceria.

À meia-noite, Ryo havia caído em uma sonolência agradável quando a voz de Tsuruishi a despertou:

– Ryo! Ryo!

Surpresa, ela levantou a cabeça do travesseiro e ele, quase sussurrando, perguntou se ele poderia ir com ela. O aguaceiro havia diminuído e a água que caía dos beirais era ouvida fracamente.

– Não, eu não acho que você deveria vir.

– Fala sério?

– Sim, não seria bom.

Tsuruishi suspirou profundamente.

– Eu não te perguntei, mas você é casado?

– Eu era.

– O que aconteceu com ela?

– Quando voltei da guerra, ela estava vivendo com outro homem.

– Você deve ter ficado com muita raiva ...

– Bom, sim. Na verdade, eu fiquei com raiva. Mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Ela me abandonou e foi isso.

– Sim, mas, de qualquer maneira, você pode superar.

Tsuruishi ficou em silêncio novamente.

– Vamos falar sobre algo – disse Ryo.

– Nós não temos muitos assuntos para conversa ... Essa ... A sopa estava muito ruim, né?

– Sim, verdade. Cem ienes por prato é caro.

Tsuruishi mudou de assunto:

– Que bom seria se você tivesse seu próprio quarto para morar!

– Sim, não haveria alguém que alugue perto da sua casa? Eu gostaria de me mudar para estar perto de você.

– Bem, eu não sei de nada, mas assim que tiver algo, eu vou te avisar ... Você é uma pessoa maravilhosa, Ryo.

– Por que diz isso?

– Você é mesmo maravilhosa. Dizem que as mulheres não têm moral, mas ... – Ryo permaneceu em silêncio. De repente, ela sentiu vontade de abraçá-lo. Ela suspirou dolorosa e entrecortadamente para ele não notasse. Sentia as axilas ferverem. Um caminhão de madrugada passou pela rua, sacudindo todo o edifício.

– Aqueles que fazem a guerra transformam o homem em um inseto! Eles têm feito coisas malucas com a maior seriedade. Eu mesmo terminei como um soldado de segunda categoria, mas eles me bateram. Seria terrível se isso fosse repetido!

– Tsuruishi, onde seus pais moram? – Ryo perguntou.

– No campo ...

– Sim, mas onde?

– Em Shizuoka.

– E o que sua irmã faz?

– O mesmo que você. Ela está sozinha e tem que criar dois filhos. Trabalha com uma máquina de costura, fazendo roupas. Seu marido morreu no começo da guerra, na China. Tsuruishi parecia ter se acalmado porque sua voz estava calma.

Ryo, vendo a primeira luz do amanhecer, lamentou que a noite tivesse acabado. Ela também lamentou que Tsuruishi tivesse se conformado tão facilmente, apesar de ter que aceitar

que era melhor para os dois. Se tivesse sido um homem que não se importasse, possivelmente não teria sido difícil para ela se entregar.

Tsuruishi não perguntou mais nada sobre o marido.

– Ryo, eu não consigo dormir. Eu acho que o que acontece é que não estou acostumado.

– Acostumado com o quê?

– Dormir com uma mulher no mesmo quarto.

– Ah, não me diga que você não dorme com mulheres de vez em quando.

– Bem, eu sou homem. Mas faço isso apenas com profissionais.

– Quão privilegiados são os homens! – Ryo disse isso sem pensar, e antes que ela pudesse perceber, Tsuruishi subitamente havia se levantado e estava ao seu lado, inclinando sua figura pesada sobre ela.

O homem estava em cima dos cobertores e seu peso estava esmagando Ryo, indefesa entregue à sua paixão. Silenciosamente, seus olhos fixos na escuridão, ela suportava a dor causada pela cabeça escura de Tsuruishi apoiada em sua bochecha. Atrás de suas pálpebras nasceu um arco-íris de luzes multicoloridas. Os lábios quentes do homem estavam presos, deformados, perto do nariz.

– Ryo ... Ryo.

Ela esticou as pernas. Seus ouvidos estavam zumbindo.

– Isso é errado, você sabe disso. Quando penso no meu marido ... – Ryo murmurou, mas quase imediatamente se arrependeu de dizer isso. Tsuruishi permaneceu na mesma posição estranha, em cima dos cobertores, mudo. Com a cabeça inclinada, como que prostrado em oração diante de um deus. Ryo hesitou por um momento e depois abraçou o pescoço quente do homem com todas as suas forças.

Dois dias depois, carregando seu filho, Ryo saiu alegremente para a casa de Tsuruishi, que sempre esperava por eles em frente à porta de vidro de seu galpão com a toalha em volta da cabeça. Mas hoje não fora visto em lugar algum. Ryo sentiu uma sensação estranha e mandou Ryukichi correndo à frente.

– Tem gente que eu não conheço! – a criança retornou dizendo.

Assustada, Ryo se aproximou do galpão e viu dois jovens consertando a cama de Tsuruishi.

– O que você quer, senhora? – perguntou um homem com olhos pequenos.

– O Tsuruishi não está?

– Tsuruishi morreu ontem à noite.

– O quê? – Ryo não pode dizer outra palavra.

Havia notado uma chama queimando no enegrecido altar familiar, mas não tinha se dado conta de seu significado terrível. Tsuruishi tinha ido em um caminhão carregado com material de ferro para Omiya e, no caminho de volta, caiu de uma ponte no rio, morrendo ele e o motorista. Hoje sua irmã e alguém da Companhia iriam para Omiya para a cremação do cadáver.

Ryo ainda estava sem palavras. Via como em um sonho os dois homens que continuaram a consertar as coisas de Tsuruishi. Na prateleira estavam os dois sacos de chá que ele comprara no primeiro dia. Um deles foi dobrado ao meio.

– Senhora, era amiga de Tsuruishi?

– Sim, eu o conhecia um pouco.

– Era uma boa pessoa. Eu não tinha nenhuma necessidade de ir a Omiya. Foi apenas para ajudar o motorista a descarregar o caminhão e eles saíram depois do meio-dia. Havia se salvado da Sibéria para morrer desta maneira! Isso é azar! – o mais gordo dos dois homens tirou a foto de Yamada Isuzu e a eliminou, soprando a poeira acumulada.

Ryo ainda estava imóvel. O braseiro, a panela e as botas de borracha permaneciam iguais. Nada havia mudado no quarto. Quando ela olhou para a lousa, percebeu que havia uma mensagem escrita a giz áspero em vermelho: "Ryo, esperei por você até as duas horas da tarde".

Ela pegou a mão do filho, colocou a pesada mochila nas costas e, ao contornar a cerca de madeira, repentinamente, lágrimas quentes começaram a brotar.

– Mãe, esse senhor morreu?

– Dizem que ele caiu em um rio – Ryo chorava enquanto andava.

Chovara tanto que seus olhos doíam.

Eram duas da tarde quando Ryo e Ryukichi saíram na direção de Asakusa. Eles caminharam até uma ponte em arco e de lá, ao longo do rio, seguiram em direção a Shirahige. Ryo olhou para a água azul e preta e se perguntou se não era o rio Sumida.

Naquela manhã de Asakusa, Tsuruishi havia dito para que ela não se preocupasse se ela engravidasse, que ele iria cuidar de tudo, que todo mês ele lhe daria dois mil ienes. Enquanto chupava um lápis, ele escreveu o endereço de Ryo em um pequeno caderno. Antes de despedir-se, comprou para Ryukichi um boné de beisebol com seu nome escrito em uma loja especializada em produtos ocidentais. Depois, os três caminharam sem rumo, evitando as poças deixadas pela chuva ao lado do trilho do trem. Finalmente, eles buscaram um leiteria e Tsuruishi pediu um grande copo de leite para cada um.

Ela se lembrava de tudo caminhando contra o vento na margem do rio. Perto de Shirahige, havia um pequeno bando de aves aquáticas e, na correnteza negra e azul, iam e vinham as barcaças de carga. Ryo lembrou-se do rosto sombrio de Tsuruishi com mais clareza do que seu próprio marido na Sibéria.

– Mãe, me compra um livro de histórias – Ryukichi pediu.

– Mais tarde – ela respondeu – mais tarde.

– Mas mãe, nós acabamos de passar por um lugar onde havia muitas histórias, você não viu?

Ela refez seus passos. Não importava mais ir para um lado ou para o outro. Nunca havia pensando que não encontraria Tsuruishi mais uma vez.

– Mamãe, eu estou com fome – Ryukichi, exasperado e com seu lindo chapéu de beisebol branco com letras vermelhas, fazia um pequeno escândalo. Eles passaram por um grupo de casas que pareciam barracas de frente para o rio e Ryo sentiu inveja dos donos. No segundo andar, havia um colchão para secar ao sol e, ao vê-lo, alguém abriu a porta da casa.

– Chá de Shizuoka! Chá da melhor qualidade! – gritou com sua voz mais atraente.

Não houve resposta e ela gritou novamente. Do alto de uma escada que ficava em frente à casa, ouvia-se a voz cortante de uma jovem que se recusava a comprar qualquer coisa.

Ryo seguiu de casa em casa, pacientemente, oferecendo seu chá, mas ninguém lhe pediu que deixasse sua carga no chão.

Protestando, seu filho a seguiu à distância. Para esquecer sua amargura e, apesar de ninguém tê-lo comprado, ela continuava oferecendo sua mercadoria, pensando que isso era preferível a pedir esmolas. A mochila pesada tinha entorpecido seus ombros e colocou dois lenços para protegê-los.

No dia seguinte, Ryo deixou Ryukichi em sua casa e voltou a Yotsugi. Talvez por não estar carregando seu filho, ela pudesse pensar mais profunda e livremente sobre tudo o que havia acontecido. Quando ela contornou a cerca de madeira, inesperadamente, encontrou uma fogueira acesa no pequeno galpão. Cheia de nostalgia, ela se aproximou da porta de vidro com a mochila nas costas. Um velho de paletó curto queimava lenha no braseiro. A fumaça saiu em grandes nuvens através de uma pequena janela.

– O que desejas? – o velho virou-se para ela, engasgado com a fumaça.

– Eu vim para vender chá.

– Chá? Eu tenho muito e de boa qualidade.

Ryo afastou a mão da porta e saiu sem dizer uma palavra. Ela havia tentado entrar no galpão, mas não fazia mais sentido. Ela também pensou em perguntar ao velho o endereço da irmã de Tsuruishi e oferecer um pedaço de incenso em sua memória, mas se arrependeu. Isso também não fazia sentido. Agora tudo lhe causava tristeza e, por alguma estranha associação de ideias, sentiu que, se um filho de Tsuruishi nascesse, a vida da criança também não teria sentido. E se em algum momento o marido dela voltasse da Sibéria, ela não teria saída, exceto a morte ...

De qualquer forma, o sol brilhava ao seu redor, e em ambos lados do rio, onde a água não chegava, uma grama verde crescia em seus olhos, fazendo-os queimar. Ela não se arrependeu da consciência. Não pensou, nem por um momento, que conhecer Tsuruishi tivesse sido uma coisa ruim. Veio a Tóquio pensando que, se a venda do chá não fosse bem-sucedida, ela voltaria para sua cidade natal, mas agora, para o bem ou para o mal, preferia Tóquio. Mesmo que morresse à beira do caminho, como uma mendiga, seria melhor fosse em Tóquio.

Ryo se sentou na grama verde do rio. Na frente de seus olhos, ao lado de alguns fragmentos de concreto, um pequeno gato morto jazia de boca para cima. Ela se levantou imediatamente, colocou a mochila nas costas e caminhou em direção à estação de trem. Quando ela entrou em uma rua lateral movimentada, sua atenção foi atraída para uma casa miserável feita de tábuas com uma porta de vidro.

– Chá de Shizuoka! Alguém quer chá de Shizuoka? – ela gritou se aproximando. Abriu a porta e viu duas ou três mulheres que costuravam meias e camisas e que viravam a cabeça quando ela entrava.

– Chá? Quanto custa? Deve ser caro! Espere um momento que procurarei a bolsa - uma das mulheres, de aparência frágil, desapareceu na sala ao lado.

Elas são mulheres como eu, pensou Ryo, enquanto observava o trabalho febril. De vez em quando, suas agulhas brilhavam quando o sol as atingia.

Referências

HAYASHI, Fumiko (林芙美子). **Shitamachi (下町)**. Domínio público. Disponível em: <https://www.aozora.gr.jp/cards/000291/files/42159_23807.html>. Acesso em 01 de abril de 2019.

HAYASHI, Fumiko. Los Barrios Bajos. Tradução de Óscar Montes. **Estudios de Asia y África**. Vol. 11, No. 1, 30, 1976, pp. 4-23.

HAYASHI, Fumiko. Downtown. Tradução de Ivan Morris. In: MORRIS, Ivan (org.). **Japanese Stories: an anthology**. Vermont: Charles E. Tuttle Company, 1967, pp. 349-364.

Recebido em 15/04/2019.

Aceito em 01/06/2019.